

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Mitologia Iorubá no Ensino Fundamental

Yoruba mythology in Primary School

 Niuva Moura de Freitas *
Marcos Paulo de Oliveira Santos **
Luana de Oliveira Santos ***

Resumo: Este texto busca relatar a experiência de um grupo de docentes do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Classe 604 de Samambaia. A referida experiência teve como objetivo trazer à baila, por meio de um álbum de mitologia iorubá, a discussão sobre o racismo e as maneiras de combatê-lo. Além de ampliar a visão dos discentes acerca da cultura africana e afro-brasileira, por ocasião do mês da consciência negra, e calçados na Lei nº10.639/2003, os docentes compreenderam que era necessário um suporte pedagógico para atingir o objetivo central do trabalho, que é promover uma educação antirracista. Assim, a partir da elaboração de um álbum de figurinhas dos orixás da mitologia iorubá, foi possível problematizar o tema do racismo e buscar meios de combatê-lo, bem como criar um senso de respeito à diversidade.

Palavras-chave: Orixá. Consciência negra. Álbum de figurinha. Prática antirracista.

Abstract: This text aims to report the experience of a group of teachers from the 5th year of Elementary School at Escola Classe 604 de Samambaia who aimed, through a Yoruba Mythology album, to bring up the discussion about racism and ways to combat it. In addition to expanding the students' view of African and Afro-Brazilian culture on the occasion of Black Consciousness Month and based on law nº 10.639 of 2003, teachers understood that pedagogical support was necessary to achieve the central objective, which was an anti-racist. Thus, an album of stickers of the orixás of Yoruba Mythology was created and, from this, it was possible to problematize the issue of racism and seek ways to combat it, as well as create a sense of respect for diversity.

Keywords: Orixá. Black awareness. Sticker album. Antiracist practice.

* Niuva Moura de Freitas é professora efetiva da SEEDF. Licenciada em História e em Pedagogia. Especialista nas seguintes áreas: História do Cristianismo Antigo; Docência do Ensino Superior e Ciências da Educação. Graduanda em Psicologia. Contato: niuva-moura@outlook.com

** Marcos Paulo de Oliveira Santos é professor efetivo da SEEDF. Mestre em Educação Física. Especialista nas seguintes áreas: Docência do Ensino Superior; Gestão e Orientação Educacional; Educação de Jovens e Adultos; Alfabetização e Letramento; Ludopedagogia e Literatura na Educação Infantil; Ensino de Sociologia; Direito Administrativo; Direito Público. Bacharel em Administração Pública - UnB (2015). Licenciado nas seguintes áreas: Educação Física; Letras-Português e Respectiva Literatura; Pedagogia e História. Contato: marcospauloeducador@gmail.com

*** Luana de Oliveira Santos é professora efetiva da SEEDF. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas. Licenciada em Pedagogia e Letras-Ingês. Especialista nas seguintes áreas: Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável; Docência do Ensino Superior. Contato: lekalueni@gmail.com

Marco teórico

O racismo tem raízes profundas e causas multivariadas. É responsável por edificar muros que dificultam a ascensão das pessoas negras (pretas e pardas) na sociedade. Fundamenta um sistema de opressão que nega direitos. Porta-se, outrossim, como um rizoma¹ e se alastra por todo o tecido social como algo institucionalizado, estrutural, recreativo, cultural (RIBEIRO, 2019; HASENBALG, 2005; FERNANDES, 2007).

Não é suficiente apenas se posicionar como “não racista”. Torna-se premente combatê-lo. E esse desafio é enorme sobretudo no bojo da escola, visto que nela há variadas partes menores peculiares que se entrelaçam e formam um todo inter-relacionado. Ora, é nela – um espaço institucionalizado – que há a (des)construção de pensamentos convergentes/divergentes que dão ao indivíduo certas atitudes, habilidades e competências que o moldarão permanentemente. Destarte, refletir sobre tema tão grave como o racismo no ambiente escolar é função primordial na atividade docente.

Nessa esteira, a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas públicas e particulares, fundamenta a prática docente e permite que esse tema seja abordado na sala de aula sem entreveros, intolerâncias, violências por atores da comunidade escolar que, porventura, possam não concordar com o tema. A lei permite, noutras palavras, a liberdade de cátedra.

Movidos pelo mês da consciência negra, ao longo dele, várias foram as atividades em sala de aula voltadas a uma educação antirracista.

Para isso, foram desenvolvidas em etapas que serão detalhadas adiante.

Desenvolvimento

As atividades voltadas a uma educação antirracista foram desenvolvidas em quatro etapas: a) questionamentos sobre o assunto para sondar os conhecimentos prévios dos estudantes; b) leitura de textos e realização de exercícios sobre o tema; c) exibição de vídeo sobre a religiosidade da cultura negra, notadamente a mitologia ioruba, e; d) construção de um álbum da mitologia iorubá.

A primeira etapa foi fecunda e demonstrou uma concepção prévia individual de não racismo. Para os discentes, basta “respeitar” as diferenças, “tolerar” aqueles que são diferentes. Entretanto, mais adiante, restará demonstrada que houve uma contradição entre os discursos e suas manifestações sobre alguns elementos da cultura afro-brasileira.

Na segunda etapa, os discentes tiveram contato com textos sobre a temática para leitura, discussão e

interpretação. Nessa fase, eles souberam interpretar bem os textos e refletiram sobre o assunto, mais uma vez com ênfase no aspecto individual. Em suas reflexões, o racismo ou o preconceito se deve a atitudes particulares. Eles não tinham a compreensão da totalidade e de que existem barreiras raciais graves que impedem a ascensão de pessoas negras/pardas na sociedade brasileira. Alguns textos trabalhados tinham relação com a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar. Curiosamente, eles souberam identificar ícones negros, como o ex-atleta de futebol Pelé e o atual jogador da França Mbapeé. Mas suas percepções restringiram-se aos astros do esporte. Não tinham a compreensão/dimensão dos diversos obstáculos raciais, sociais, econômicos com as quais tais personalidades tiveram de lidar. A fim de que compreendessem as histórias de vida de algumas personalidades negras/pardas, foram solicitadas minibiografias de pessoas negras/pardas relevantes, tais como André Rebouças, Pelé, Machado de Assis, Luiz Gama, entre outros.

O contato com outras personalidades trouxe à baila a relevância de personalidades negras/pardas que muitas vezes têm suas histórias apagadas pela História.

A terceira etapa foi sugerida por uma das professoras autoras deste relato, que viu a necessidade de abordar o tema por ter estudantes adeptos das religiões de matriz africana, notadamente o candomblé. Com o intuito de desconstruir estereótipos, a professora pesquisou e compartilhou com os autores deste texto um material sobre o tema². Tratou-se de vídeo sobre a religiosidade da cultura negra, especialmente a mitologia iorubá.

As reações sobre o vídeo foram as mais variadas possíveis. Chamaram a atenção aquelas em que os discentes dançaram e simularam tocar tambor quando havia no vídeo algumas danças e toques específicos para os orixás. Percebeu-se que não foram manifestações de deboche ou de preconceito, mas gestos ou manifestações genuínas por acharem interessantes as práticas corporais/desenhos existentes no vídeo.

Nesta última fase, uma das professoras autoras deste relato elaborou um álbum de mitologia iorubá, para que os estudantes pesquisassem cada orixá, conforme a explicação do vídeo e os textos trabalhados em sala de aula.

Os discentes puderam trocar figurinhas especificamente elaboradas para a colagem no álbum. Assim, tiveram a oportunidade de ler sobre cada orixá e, com base nas suas características, completar seus álbuns.

No decurso dessa etapa, houve várias manifestações, algumas elogiosas, pelo ineditismo do trabalho, e outras bastante reacionárias, tanto de pais como de discentes. Frases como “Isso não é de Deus” ou “Isso é coisa do demônio” foram ventiladas por alguns discentes. Uma genitora manifestou interesse em conversar

com um dos autores deste relato porque, segundo ela, “esse tipo de atividade não estava certo, não se *deveria ensinar para crianças*”. (In)felizmente a genitora não compareceu à escola para conversar sobre a proposta do trabalho, e seu filho acabou por realizar a atividade.

Participar da confecção do trabalho não era obrigatório. O que se pretendeu foi demonstrar a relevância da atividade para a culminância do projeto (Figuras 1 e 2).

Além disso, cumpre considerar que meses antes foi realizado um trabalho sobre mitologia grega. Foi justamente a comparação entre as duas culturas que nos permitiu demonstrar que o racismo era evidente. Na mitologia grega, não houve qualquer reclamação ou julgamento, a despeito de ser ela permeada de histórias insólitas de incestos, violências, parricídio etc. Por outro lado, na mitologia iorubá, alguns pais e/ou responsáveis e até mesmo discentes quiseram ir à direção para questionar a utilidade do trabalho, o qual alegava-se ser uma atividade demoníaca.

Diante de algumas poucas acusações descabidas, instigou-se os discentes a refletirem sobre o que os levava a considerar as manifestações de matriz africana como demoníacas. Se no cristianismo Deus criou o homem do barro, na mitologia iorubá, Oxalá (também denominado Obatalá, Orixanlá, Oxalufã), com o auxílio de Nanã, criou o homem do barro e Olorum soprou-lhe a vida:

Olodumare deu outra dívida a Obatalá: a criação de todos os seres vivos que habitariam a Terra. E assim Obatalá criou todos os seres vivos e criou o homem e criou a mulher. Obatalá modelou em barro os seres humanos e o sopro de Olodumare os animou (PRANDI, 2001, p. 506).

Qual a gênese da diferença no olhar para manifestações semelhantes? Por que um estaria vinculado aos aspectos ruins e outro aos aspectos bons da existência humana? Os discentes foram convidados a pensar que

Figura 1. Estudantes desenvolvendo a atividade na escola



Fonte: acervo pessoal dos autores.

Figura 2. Foto do trabalho de um estudante



Fonte: acervo pessoal dos autores.

não se tratava da mitologia em si, mas do que havia de subliminar, do não dito, do interdito; noutras palavras, o racismo estava posto.

O preconceito não era em decorrência de não concordar com uma exegese religiosa, mas tão somente por ser uma prática religiosa de pessoas majoritariamente pretas.

Nesse sentido, provocar, instigar, causar o desconforto, transgredir – para se utilizar de uma expressão de hooks³ (2017) tornaram-se o norte para a consecução da atividade.

Considerações finais

Aparadas as arestas, conversando de maneira polida e compreensiva, foi possível perceber que, de maneira geral, o saldo da experiência foi positivo, na medida em que muitos compreenderam a relevância da cultura negra para a sociedade brasileira e a importância em respeitá-la. Além disso, procurou-se fazer com que os discentes vissem o fenômeno do racismo não como um ato individual, mas como um espectro social que permeia as várias áreas das relações humanas, e que combatê-lo, portanto, desde a linguagem até as práticas aparentemente “inofensivas”, é uma luta de todos.

A vivência nos mostrou também que é imprescindível trabalhar por uma educação antirracista permanente,

ou seja, no decurso do ano letivo e não apenas no mês da consciência negra, tampouco somente no 5º ano do Ensino Fundamental. É imprescindível porque muitos já estão com o caráter formado e têm seus pressupostos acerca da realidade social consolidados (alguns com visões bem reacionárias), ao passo que, se tiverem contato mais cedo com esses temas reflexivos, suas visões e seus comportamentos serão de mais compreensão, respeito, alteridade.

Assim, tais práticas pedagógicas podem e devem ter início no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), que abrange os primeiros anos (1º, 2º e 3º), e tem continuidade nos 4º e 5º anos. Lamentavelmente nem todos os docentes têm essa base epistemológica para colocar em prática e, não raras vezes, o que é feito são ações estereotipadas (capoeira, Zumbi, entre outras) no dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra, para constar como registro protocolar. No entanto, a prática em si é sem sentido, porque não há uma reflexão profunda. E, para vencer o racismo, é importante romper com o enciclopedismo superficial.

Aqui não se quer dizer que a capoeira e o Zumbi tenham importância menor para a cultura negra, mas que,

justamente por ser essa cultura bastante fecunda, as manifestações por ocasião da Consciência Negra devem ir além, e não se limitar apenas ao dia 20 de novembro.

O espaço escolar é o espaço da descoberta, da experiência, do contato com o diverso, com a essência e não com o superficial. É o espaço do debate, do confronto de ideias dentro de um espectro democrático e respeitoso. É necessário que o docente gradue a reflexão, a atividade em sala de aula conforme a faixa etária, sem postergar essa atividade, que deve ser permanente de prática antirracista.

Apresentar aos discentes e, especialmente, aos pais, uma vertente da religiosidade africana e também a música, a dança, a riqueza gastronômica, as vestimentas (moda), as personalidades intelectuais e esportistas foi, indubitavelmente, uma experiênciaproveitosa e desafiadora. Foi o jeito que encontramos para modificar os discursos pré-concebidos dos discentes e genitores e fazer com que tivessem contato com uma relevante parte da origem da História Nacional e, sobretudo, que compreendessem que essa história se forjou de modo bastante difícil, com muita luta, e que ainda se encontra apagada intencionalmente ou desconhecida para muitos. ■

Notas

¹ A pedagogia rizomática consiste na busca pela resistência. Assim, ela visa infectar e vitalizar o instituído através de uma dinâmica do rizoma, que consiste em resistir às estruturas fixas e hierárquicas, infectar os espaços instituídos com novas ideias e práticas, e vitalizar o instituído com a criação de novas formas de conhecimento e aprendizagem. Além disso, a pedagogia rizomática reconhece a criança como irredutível à visão de um adulto em miniatura e afirma um presente da infância, que é devir e não simplesmente uma preparação para a vida adulta. Os saberes como sabores permitem às inteligências acessar um universo outro atribuindo ao "incompreensível", sob o olhar ético e estético, para além do bem e do mal, uma realidade artística, criadora, isenta do imaginário divino, do juízo, da verdade, da punição e do castigo. Isso significa que, ao invés de buscar uma verdade absoluta ou uma visão única do mundo, a pedagogia rizomática valoriza a diversidade de saberes e perspectivas, permitindo que as inteligências acessem um universo outro, mais amplo e complexo, através de um aprendizado descolonizado, leigo, da complexidade do universo (LINS, 2005).

² Vídeo **História completa dos orixás**, do canal do *YouTubeUmbandaonline*. Disponível em: <<https://youtu.be/X8PY7aHdqws>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

³ bell hooks, assim mesmo, em minúsculas, é o pseudônimo selecionado por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. A escolha do nome, escrito em minúsculas, é uma declaração política de rejeição ao ego intelectual. hooks desejava que dedicássemos nossa atenção às suas obras, às suas palavras, e não à sua pessoa.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira", e dá outras providências.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2007.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LINS, Daniel. **Mangue's School ou por uma pedagogia rizomática**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 22 out. 2023.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

UMBANDAONLINE. **História completa dos orixás**. YouTube, Canal criado em 29 de maio de 2011. Disponível em: <<https://youtu.be/X8PY7aHdqws>>. Acesso em: 18 nov. 2022.